

TRIBUNA Livre

25
MAIO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

CHEFE DA REDACÇÃO: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição Impressão e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL 62113 - AMARES

OS JULGADOS MUNICIPAIS

Razões da sua criação e razões para a sua extinção

Na conferência dos semanários do distrito de Braga, realizada na semana passada, o nosso chefe da redacção apresentou o trabalho que passamos a publicar e que mereceu a melhor atenção da imprensa.

Em 1927 o panorama dos serviços judiciais portugueses era desalentador.

Sem instalações adequadas na quase totalidade dos casos, com um quadro exíguo de magistrados e funcionários para as necessidades existentes e com proventos medíocres, os legisladores lançaram-se no estudo atento do problema procurando o caminho da melhor solução.

Duas soluções se apresentavam como as mais lógicas e atendíveis: aumento das receitas ou diminuição das despesas.

Ao contrário do que fizeram os seus colegas cerca de vinte anos mais tarde, não quiseram os responsáveis de então encarecer os actos judiciais e preferiram ir para a redução das despesas.

Na sequência deste pensa-

mento, no dia 9 de Julho foi publicado o Decreto 13.917 que extinguiu 37 comarcas passando os seus serviços para as comarcas limítrofes.

É óbvio que sendo essa a causa invocada a escolha das comarcas a suprimir tinha de fazer-se com a acusação de que eram essas as de menor rendimento. Não se pode contestar a orientação mas pode invocar-se que nem em todas houve escrupulo na escolha. Extinguiu-se a comarca de Amares que era de 2.ª classe, ora o bom senso aconselha que antes da extinção se deveria dar a sua despromoção para 3.ª classe, até porque as estatísticas defendiam a sua existência e não levaria a comarca de Vila Verde, para onde passaram os

(Continua na 2.ª página)

VALORIZAÇÃO DA GENTE PORTUGUESA

A par dos problemas económicos que preocupam instantaneamente o Governo, cuja solução tanto poderá valorizar a grei, não se poupam esforços para elevar a cultura do povo com a criação de novas escolas de ensino secundário e técnico, mas devemos reconhecer que é, especialmente no ensino primário, que o verdadeiro movimento de valorização tem encontrado sinceros apóstolos, à frente dos quais, como precursor da memorável arrancada contra o analfabetismo, se deve pôr o actual Ministro das Corporações a quem, como é sobejamente conhecido, se deve o êxito da mesma, pela forma como soube empreendê-la, a quando da sua passagem pelo Ministério da Educação Nacional, no cargo de Subsecretário.

A crescente afluência ao ensino primário, de alunos em idade escolar, que as

medidas punitivas postas em uso, sem ser desumanas, criaram uma apertada malha aos pais desmazelados, tornou em pouco tempo muito insuficientes as salas de aula existentes, apesar da grandiosidade das construções levadas a termo pelo Planodos Centenários, ao abrigo do qual se foram semeando por toda a parte novas escolas. O ritmo das construções não pôde acompanhar a frequência escolar e já está desde há muito a recorrer-se a cursos duplos que, embora bons como medida de recurso, em nada poderiam satisfazer de forma definitiva.

Revista a situação criada, por uma comissão que estudou minuciosamente as necessidades escolares de cada freguesia e até de cada lugar, apresentou, no curto prazo de 3 meses que lhe foi marcado, um relatório

(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Os suplicantes confundidos com a inesperada extinção virão-se usurpados com a tirada de diferentes objectos seus, como forão, A Custódia, O vaso de Saobrário, Hua Cruz, Caldeira de agua-benta, Thuribulo e Nabeta, A Imagem de Nossa Senhora da Conceição, tudo isto de metal de prata, e cuja imagem servia em todas as festas derigidias à mesma Senhora, e nas procissões de cada hum mez; seis caleces também de prata, alem de dois do dominio do Convento; todos os paramentos de Damasco bordados a Ouro, das cinco cores do culto Divino—todas as Alvas destinadas para as festividades—um pãlio rico, e outros muitos objectos que enumerar importa hua calamidade de que os habitantes da freguesia e seus descendentes sempre se lembrarão com horrorosa indignação.

Falta pois coroar a obra da usurpação com a tirada do seu Orgão, um dos bellos adornos da Igreja e que os suppetes não estão dispostos a ceder por venda, doação, ou outro qualquer contracto, mas sim a conservarem como belleza deixada por seus passados. Portanto recorrem submissos perante V. Ex.a para que a Portaria de S.M. se cumpra por bens considerados do Estado, e nunca pelos do dominio particular; fazer sustar o antireligioso procedimento porque ao contrário desde já recorrem perante os Degraus do Throno a supplicarem justiça contra a expoliação desabrida que se lhes tenta fazer e que podem accarretar agitação e desembolvimentos bem extranhos ao sossego que disfrutão e appetecem com preferencia as hostilidades.

Digne-se pois V. Ex.a suspender a violência que lhes tentão fazer os mesários do Senhor do Monte, para bem poderem dizer da primeira auctoridade deste Distrito.

E.R.M.ce-Santa Maria de Bouro, 29 de 7. bro de 1853—seguem-se as assignaturas(Vide nota 4).

Nota 1.ª.—Os mesários do Snr. do Monte em vista da 2.ª representação que a Junta de Parochia e povos da freguesia dirigirão ao Governo Civil, obrigarão-se a fazer conduzir para a Igreja desta freguesia o orgão do Senhor do Monte, em recompensa do Orgão Grande que conseguirão levar desta freguesia para a Igreja do Senhor do Monte: e bem assim mais se obrigarão a mandarem compor à custa do Sanctuário o

(Continua na 6.ª página)

AMARES E SUAS RIQUEZAS NATURAIS

Por Domingos M. da Silva

Para que não seja só de côres tristes feito, o quadro deplorável que a Monografia de momentos vai focando, procure-se compensá-lo com algumas notas de prometedora realidade.

Foi-lhe o Criador excepcionalmente pródigo na concessão de dotes naturais.

Voltou-lhe para o Sol vivificante a face risonha e tranquila das encostas dos montes que seres humanos povoaram de muito cedo, numa actividade febricitante que vem sucedendo-se até às populações de aldeias, de um pictoresco incomparável, que se penduram pelas vertentes.

Favoreceu-as de especiais condições climáticas, defendendo das nortadas por uma cerrada cortina de montanhas, que as abriga e torna mimosas de todos os frutos.

Povoou-as de uma vegetação luxuriante, que vai dos frouxéis verdejantes de choupos, salgueiros e amieiros que se espelham por margens nas águas tranquilas, até aos planaltos, revestidos de soutos e carvalhos, de fama milenária, quando lhe

não deixam a descoberto a estrutura ossuda de penhascos alcantilados que coroam as alturas.

Por toda a parte murmuram as fontes. Solo fecundo rasgado de frequentes meandros, regatos e ribeiros, que sulcam os vales, imprimiu-lhe as características da suprema fertilidade, que já os primitivos habitantes reconheceram, e por elas se prenderam.

Canalizou para aqui, do ventre inesgotável de altas montanhas, o prodigioso manancial de fontes termas que operam milagres.

* * *

Só um gigantesco massiço, como o de S. Pedro Fins, que apesar de vir aqui terminar o caprichoso sistema de altitudes, que se elevam em sucessivas gradações até às mais altas cumeadas geresianas, ainda assim se impõe à planície por suas avultadas proporções, seria capaz de produzir tão magnífica substância como são as águas medicinais de Caldelas, com suas qualida-

des terapêuticas de milenárias tradições.

E hoje que a vida nas cidades cada vez mais se complica de graves apreensões, no dia a dia de horisontes mais turbados e ameaçadores; que o nervosismo, as preocupações, os cuidados os negócios, as desilusões vão fazendo mais vítimas de afecções morais e físicas; que a falta de escrupulo e a ganância, não obstante as mais rigorosas fiscalizações, por vezes trazem aos mercados gêneros e viveres menos concordes com a saúde pública; que aumenta o número dos desmoralizados, dos tristes, dos vencidos da vida, dos hipocondríacos, que em vão procuram nos teatros, nos cinemas, nos estádios, por doses de artificial distração de que logo

(Continua na 4.ª página)

O nosso jornal, ao Domingo, é vendido na Penção Central a 'Petisqueira,

Julgados Municipais

Razões da sua criação e razões para a sua extinção

(Continuação da 1.ª página)

seus serviços, à congestão que originou a sua passagem a 2.ª classe.

Passemos, contudo, adiante, pois o nosso trabalho tem carácter geral não lhe interessando a defesa de um caso isolado.

Da criação dos Julgados

4 anos após esse Decreto de extermínio que tantas lamúrias causou através de boa parte do país, acediados por razões incontestadas, os orientadores reconheciam que ao tentarem resolver um mal fizeram nascer outro não menos atendível: os povos foram feridos no mínimo de comodidade a que têm direito e a justiça tornou-se para eles, em boa parte dos casos inacessível.

Considerado insustentável o estado de coisas então criado procurou-se a solução de meio termo, tanto em vogano temperamento político português—sim, temperamento político, porque essa decisão era então uma necessidade política, reclamada por 37 concelhos alguns dos quais apresentando argumentos irrefutáveis.

Pelo Decreto n.º 19.578, de 11 de Abril de 1931 foram criados julgados municipais na sede de todas as comarcas extintas.

Tinha-se, assim, criado uma nova modalidade de tribunais judiciais em que o Conservador do Registo Civil é o Juízo, o Notário é o Agente do Ministério Público, sendo os funcionários do quadro judicial.

Quanto a atribuições foram-lhe dadas quase as mesmas das comarcas, dado que, como se sabe, o movimento de processos correcionais e de querelas e de acções ordinárias é deminuto frente ao restante.

Surgira uma magistratura na maior parte das vezes forma da porelementos que nunca tinham tratado com os tribunais, nem sequer como advogados—uma série de condenados aos duros trabalhos do mais alto mister nacional.

E já que temos de fazer referências nem sempre elogiosas seja-nos permitido dizer que aqueles magistrados de julgados, que conhecemos mais de perto, têm sempre dado provas de muita competência e perfeita honestidade, num nível que não ficaria mal adentro da magistratura de carreira.

Dois anos após a criação dos julgados já a bronca rebentava na Assembleia Nacional pela boca do então deputado sr. dr. Ulisses Cortes, hoje ministro da Económia, o qual denunciava os julgados como alfobre de anomalias, secundando-o a Câmara Corporativa que aconselhou que o número fosse reduzido e as atribuições restringidas.

Estavamos em 1933.

Da sua condenação

Quando em 1944 surgiu o Estatuto Judiciário, sem dúvida um diploma notável que honra os nossos juristas, deixou de haver dúvida que os julgados municipais estavam definitivamente condenados.

Acusando-os de não ter correspondido àquilo que deles se esperava e não vislunbrando uma maneira radical de sanar o problema, o Governo encarrou, pela primeira vez, a supressão de certos julgados deixando a Sua Ex.ª osr. Ministro da Justiça, mediante parecer favorável do Conselho Superior Judiciário, essa faculdade.

E só a comodidade dos povos foi então invocado para defender a existência daqueles que tinham dado já razão às queixas mais azedas, que por muito azedas não deixaram de ser justas.

A desconfiança quanto à seriedade dos julgados municipais foi posta em evidência e subintende-se claramente pelo artigo 77 do mesmo Estatuto que os declara sem alçada deixando todas as suas decisões à mercê de recurso.

Até esta data, isto é, até 1944, surge sempre a defesa dos princípios expostos no Decreto que criou os julgados municipais e que baseou a sua necessidade no facto dos povos precisarem de ter a justiça à mão, mas justiça para quase todos os casos pois que as atribuições do julgado eram então amplas.

Em 1948, a Reforma Judiciária—Decreto n.º 37.047—, impõe uma directriz; atende-se ao que foi dito na Assembleia Nacional em dasabono dos julgados e à desconfiança que o Estatuto Judiciário denunciou: as suas atribuições foram largamente reduzidas e seis deles extintos.

Nenhuma virtude era já superior aos defeitos. A redução das despesas não bastava para fazer esquecer a imperfeição da justiça ali feita, mas era preciso defender ainda a maltratada comodidade dos povos e, por isso, sustentaram-se muitos dos julgados de reduzido movimento e não se restauraram comarcas que bem o mereciam. Obrigando a grande dispêndio do Cofre Geral dos Tribunais impôs-se que o Tribunal da Comarca se desloque ao julgado para julgamentos e outros actos da sua competência deixando os juízes municipais julgar as acções sumariíssimas, as transgressões e trabalhar nos inventários até às leilitações.

Pela primeira vez são extintos julgados e se assenta em que a justiça deve ser ministrada por magistrados de carreira, doutrina que leva à nova formação dos colectivos com escusa do juiz substituto, como 2.º vogal.

Tirando-se poderes aos Julgados usou-se de coerência e

bom senso e caminhou-se para a solução do problema, mas caminhou-se pouco em face das necessidades pois que a solução só é radical e proficua no dia em que se extinguirem os que pelo seu movimento e rendimento não justificarem a existência e se restaurarem as comarcas que por aqueles factores o merecem.

Algumas incongruências

Isto de lhes reduzir as atribuições criou dois óbices cada qual dos quais o mais caricato 1.º—acabou-se com a comodidade dos povos porque: a)—não se favorecem os intervenientes dum processo crime dado que eles, embora depnham no Julgado, têm de ir à comarca com o seu advogado, a c o m p a n h a r o andamento do processo e, a final, pagar as custas; b)—Não se favorecem as partes nos processos cíveis pois que o Julgado só tem o julgamento e na comarca propõem a acção, contestam ou respondem, pagam os preparos e requerem os demais actos necessários e no final pagam as custas. Evitam uma viagem mas fazem dez; c)—Em nada se favorecem os que participam nas causas que não vão a julgamento, que são metade do movimento geral, pois estas não têm qualquer contacto com o julgado. 2.º—criou-se um grande encargo financeiro e sobrecarregou-se o serviço da comarca por que: a)—encargo porque o Tribunal da Comarca desloca-se em regra uma semana inteira à sede do Julgado só para julgamentos, tendo de ser pago o transporte e ajudas de custo, acrescentando ainda os dias em que se desloca para tratar de diligências ditadas pelo decorrer da causa; b) transtorno na comarca, porque uma comarca com movimento, não pode suportar sem graves inconvenientes, que os seus magistrados se desloquem uma semana por mês e ainda por vezes noutros dias da semana. Daí o estado de asfixia em que vivem grande parte dos tribunais das comarcas.

Foram extintas as comarcas por falta de receita e criados os julgados para atender à comodidade dos povos.

Pois agora são precisamente estas as razões que militam a favor da supressão de uns e promoção de outros a comarca.

É que com o advento do Código das Custas Judiciais, aprovado pelo decreto n.º 30.633 de 26 de Agosto de 1940 os tribunais portugueses passaram a ter substanciais receitas, a ponto de, pelo Cofre respectivo se poderem subsidiar, e muito bem, a construção de inúmeros edifícios para repartições judiciais, cadeias, etc.

Pela falta de atribuições os povos da sua jurisdição deixa-

ram de ter justiça à mão e, pelo contrário, passaram a não saber na mão de quem param os seus interesses, pagando por essa justiça preços exorbitantes.

Mas a supressão tem a seu favor muitos outros factores.

Uma acção da área dum julgado custa na comarca o dobro daquilo que deveria custar em virtude de entrar em razão de custas o transporte e ajudas de custo dos magistrados, caminheiros e tempos dos peritos, deslocação das partes, etc.

Já nos foi dado ver que numa acção sumária com o valor de 1.000\$00, só a conta dos peritos e da deslocação do tribunal ascendia a 4.500\$00 e temos por convicção, aliada a dados honestos, que nas acções da área dos julgados em que haja mais que uma deslocação, como acontece na grande maioria das vezes, o dispêndio com essas deslocações é maior do que as custas da acção propriamente ditas.

Se em algum sector se impõe que haja confiança nos métodos, nos homens, nas doutrinas e nos meios, esse sector deve ser o da justiça por ser também aquele a que acorremos em último recurso e que joga os maiores interesses morais e materiais.

Os julgados, porque a sua magistratura não oferece as condições indispensáveis de competência e seriedade, só podem preparar e julgar acções sumariíssimas de valor inferior a 6.000\$00, todavia, num desconhecimento flagrante das coisas, permite-se que preparem os inventários de todos os valores até às leilitações.

A licitação corresponde à conclusão do processo e os actos posteriores, deixados a comarca para a fiscalização, não são mais do que o uso da aritmética subordinada aos elementos que a licitação lhe concede e dos quais não pode fugir.

Finge-se ignorar também que o inventário é em maior número, nenhum processado o iguala em valor e é aquele em que o favor pode ser mais facilmente prestado ora em prejuízo de um incapaz, ora de um ausente que recebeu a citação e não se faz apresentar e não segue o andamento do processo. Em desabono de um menos afecto, a favor de um mais amigo—ao serviço da parcialidade.

O Julgado não pode acabar as policias correcionais que quase sempre dizem respeito a crimes insignifi-

cantes, mas pode julgar transgressões sem curar de saber do seu valor.

Acontece, em face disso que o juiz que não pode decidir o pleito entre duas mulheres que puxaram pelo cabelo uma à outra, pode julgar o transgressor a quem terá de condenar em dezenas de contos de multa.

Não pode inquirir em carta-precatória uma testemunha para uma acção sumária, mas fecham-se os olhos a que possa ouvir um cento para uma querela em que está em jogo a honra e a liberdade. A primeira não tem preço, a segunda pode ir até 24 anos.

Parece poder-se desabafar que neste País civilizado em que a jurisprudência atingiu nível elevado, os julgados municipais, não obstante acorrentarem tres dezenas e tal de concelhos, não mereceram ainda um estudo atento.

E são alguns Conservadores e Notários probos, cientistas da sua responsabilidade que à custa de muitos esforços, num mister para que não foram de antemão preparados, conseguem evitar que as coisas atinjam situações desesperadas.

Tentamos mostrar e julgamos tê-lo conseguido, que desde o advento do Estatuto Judiciário, os julgados estão condenados, aguardando a sua hora de extinção.

Irá esta soar?

Temos fundadas razões em crê-lo.

Sua Ex.ª o Senhor Ministro da Justiça é um espírito superiormente esclarecido e dinâmico para quem não há problemas insolúveis.

O excesso de trabalhos nos tribunais está em vias de encontrar solução, quer pelo aumento de pessoal que se faz continuamente, quer pela simplificação do processado, como o atestam, de maneira corajosa, os Decretos n.ºs 4.074, e 41.075, de 17 de Abril findo.

A recolha dos Arquivos dos Registos Criminais, há tantos anos deliberada, só agora vai encontrar solução, como o refere o Decreto n.º 41.078, de 19 do mesmo mês.

Trabalha-se decididamente no novo Código Civil.

Não é justo supor que vai soar a hora dos julgados?

Tudo indica que sim.

Anunciai na
«Tribuna Livre»

ZÓZIMO S. RAMOS
MÉDICO

Consultas, com hora previamente marcada,
aos sábados e domingos.

Na rua de São Marcos, n.º 127-1.º, em Braga

TRIBUNA do CONCELHO

Para as Festas a Santo António

Continuam a chegar à nossa Redacção as dádivas dos Amarenses dispersos pela sete partidas da terra que assim nos oferecem não só a sua ajuda como o calor da sua lembrança. Desta vez é o sr. Felisberto Barbosa de Macedo queda América do Norte, nos envia

Nome dos inscritos:

Joaquim de Azevedo Macedo, Manaus.	300 cruzeiros
Manuel de Azevedo Coutinho, Rio de Janeiro	150\$00
António de Freitas, Lisboa	100\$00
Manuel de Sepúlveda, Rio de Janeiro	500\$00
António Cerqueira, Porto	50\$00
Fernando Marques, Lisboa	100\$00
Felisberto Barbosa de Macedo, América	200\$00
Fernando A. de Almeida Rodrigues, Bissau.	100\$00
David da Silva	30\$00
José A. Ferreira Junior, Nova Iorque	100\$00

200\$00 e o sr. Fernando A. de Almeida Rodrigues, furiel em Bissau, que se subscrive com 100\$00, bem como outros amarenses dedicados à sua terra natal. A uns e a outros os nossos agradecimentos pela oferta e pela lembrança, dois motivos que para nós têm igual valor.

A iluminação pública

Depois de várias insistências surgidas nas colunas deste semanário, finalmente a entidade encarregada mandou reparar, limpar e substituir algumas lâmpadas fundidas, da iluminação pública do Largo Doutor Oliveira Salazar.

Abeiramo-nos do funcionário encarregado da reparação e fizemos-lhe uma pergunta, a fim de nos informar se ficavam todos os candeeiros reparados, e foi-nos dito pelo mesmo ser ventuário que apenas ficavam três sem consertar devido ao cabo subterrâneo se encontrar em péssimas condições.

Ora, se é ordenada uma reparação, julgamos ser razoável que a mesma se faça na sua totalidade, porque desta maneira, conforme se vai gastando o material, vai-se arumando, deixando a pouco e pouco de haver iluminação pública, no maior centro populacional desta Vila, para se não gastar algumas centenas de escudos.

Estamos, no entanto convencidos, que logo que a nossa Municipalidade tenha conhecimento destes factos, mandará, sem demora, reparar estes três candeeiros, cuja falta se faz sentir desde alguns meses.

Limpeza do Largo

Também apelamos para que o largo Doutor Oliveira Salazar seja pelo menos limpo, para não apresentar o estado de desprezo em que se encontra. Como se aproximam os

grandiosos festejos a Santo António, torna-se necessário que o mesmo seja varrido, a fim de impressionar bem os milhares de forasteiros que nesses dias nos visitam.

Com distinção

No pretérito sábado, dia 18 do corrente, prestou concurso para guarda livros do Grémio da Lavoura deste concelho, o nosso particular amigo, José Gonçalves Leite, cujas funções exerce interinamente há mais de três anos, com inteligência, dedicação e apuro. Desejamos-lhe as maiores felicidades na continuação deste cargo e apresentamos-lhe os nossos sinceros parabéns.

As árvores do Largo e o estacionamento de camionetas

Tendo sido proibido o estacionamento de carros nas duas direcções da estrada nacional do Largo do Dr. Oliveira Salazar, estes têm de estacionar junto às casas ou num dos canteiros.

Acontece, porém, que muitos dos motoristas não querem o pequeno trabalho que tal daria e em vez de procurarem maneira de entrar para junto das casas pela parte de baixo do Largo ou pela rodovia do posto abastecedor de gasolina, passam por entre as rubíneas.

O espaço é pequeno e por vezes lá vai um cano das preciosas árvores que não têm quem as defenda.

Os funcionários e os agentes da autoridade deviam ser zelosos nestes casos. Nestes especialmente porque agradam a todos e não desagradam a ninguém.

A pavimentação do Largo dos Bombeiros

A pavimentação Largo dos Bombeiros estava bem encaminhada e tudo levava a crer que a obra se faria em breve.

O apresentante da melhor proposta não aceitou e a mesma não foi entregue ao segundo, preferindo a Câmara que se fizesse novo concurso.

Com estas e com outras aproximam-se Outubro que nos dizem ser o prazo em que cessa o direito à participação.

Não deixava de ter graça que esta migalha se perdessem como se perdetam outras.

Seria caso de dizer aos bombeiros que isto já não vai, nem mesma a mangueira.

Sessão de cinema

Vai ter lugar no Salão dos Bombeiros Voluntários desta Vila, uma sessão de cinema, amanhã, Domingo, pelas 21,30 horas, promovida pelo Comando Distrital da Legião Portuguesa, especialmente destinada aos Bombeiros, Legionários e suas famílias e mais pessoas interessadas na defesa Civil do Território.

Vida elegante

Aniversários

Segunda-feira—A Sra. D. Aurora Leite dos Santos.

Terça-feira—A Sra. D. Maria de Fátima Calheiros Abreu e o Sr. José António Leite Ramos de Azevedo.

Sábado—O Sr. Manuel Teixeira.

Graças de Santa Filomena

Acaba de entrar na Arquiconfraria de Santa Filomena, de quem é mui fervoroso devoto, desde a primeira hora, o Ex. mo Senhor José Miguel Ferraz—da Rua da Escoura—da cidade de Braga. Sua Ex. cia que ajudou a fundar esta gloriosa Irmandade que já conta 3.400 associados, prometeu ajudar-nos a fundar o nosso Patronato, pois tem recebido do Céu, por intercessão desta Gloriosa Santa, muitas graças e favores. Parabéns e as nossas sinceras felicitações e que o Patronato de Santa Filomena, seja dentro em breve, uma consoladora realidade.

—O Senhor Alexandre Adelino de Almeida, de Paranhos,

a Senhora D. Maria Rosa de Oliveira e seu Marido João de Oliveira, de Caldelas, receberam também assinalados favores de Santa Filomena e muito gratos, entraram também para a Arquiconfraria de Santa Filomena. Avante pelo culto e devoção desta Milagrosa Santa "que é invocada" toda poderosa junto de Deus.

P.e Calisto Vieira

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Amares

Aviso

Ficam por este meio avisados todos os sócios desta Caixa que a inauguração do novo edifício sede terá lugar no próximo dia 15 de Junho, as 11,30 horas.

Para dar ao acto a solenidade e brilhantismo com que se deve revestir empreendimento de tanta importância, para a Instituição, para a Lavoura Associada, pede-se a comparencia de todos os sócios.

Mais se avisa que a partir do próximo de 1 de Junho todas as operações passam a ser efectuadas na nova—Sede Social.

A Direcção

Cães a mais no jardim do Largo de D. Gualdim Pais

Agora, que este jardim recebeu o melhoramento de que tanto carecia, bom era que sanassem os cães que andam espathados pelo Largo sem açaimo, transgredindo a lei, e causando estragos no dito jardim e atédanos àqueles que estão incumbidos de o zelar e cultivar.

Tudo está ao alcance, de quem de direito

F.M.

Concurso de quadras a S. Pedro

A exemplo dos anos anteriores, «O Jornal de Felgueiras» vai realizar este ano mais um concurso de quadras populares, por ocasião das festas de S. Pedro, que nesta vila têm efeito, o qual

se baseia nas seguintes cláusulas:

Podem concorrer todos os Poetas portugueses ou quantos se sintam com disposição para a poesia.

As quadras deverão encerrar ideias relacionadas com o Santo Claviculario.

As quadras, que poderão ser em qualquer número, devem trazer o nome e morada do concorrente.

Oportunamente serão publicados os nomes dos membros do Júri.

O prazo de envio das quadras termina no dia 22 de Junho próximo.

Os trabalhos devem ser remetidos em carta fechada endereçada à Redacção de «O Jornal de Felgueiras», com a seguinte indicação no envelope: «para o concurso de quadras a S. Pedro».

«O Jornal de Felgueiras» publicará oportunamente a lista de prémios a distribuir pelos concorrentes premiados.

HUMORISMO

Entre amigas

Sara:—Já namoro o Alvaro há dois anos. Não achas que é tempo suficiente para nos casarmos.

Raquel:—Não me parece suficiente se tu na verdade o amas, deves deixá-lo ser feliz mais algum tempo.

É desculpável!

—Vês? Tanto bebeste que agora andas para trás!

—Não foi de beber! Foi de comer! Comi carangueijos!...

Lógica infantil

Mão:—Que é isso, Alfredinho? Estás a fumar charuto?

Alfredinho: Pois claro! O papá está a brincar com o comboio que o padrinho ontem me trouxe!... Que quer a mamã que eu faça?

ALFAIATARIA "BELCORTE" DE

José Eduardo Macedo Gonçalves

Confeciona fatos para HOMEM, SENHORA e CRIANÇA CORTE ESMERADO e ÓPTIMOS ACABAMENTOS

PREÇOS MÓDICOS

Não se esqueça: ALFAIATARIA "BELCORTE"

LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR—AMARES

Amores e suas riquezas naturais

(Continuação da 1.ª página)

se esvaem os desejados efeitos, para recaírem em mais fundo turpor: que pena que tais sofredores não os movesse antes o bom senso a «vir beber destas fontes, respirar o ar puro destes montes» como tão sãbiamente aconselhou, praticou e cantou o nosso egregio Miranda; rejuvenescer o espirito, refrescar de paz doce e tranqüila a alma abatida de desânimos, cumprindo ao mesmo tempo uma romagem de justo reconhecimento por terras donde partiram os pioneiros da Nacionalidade.

Como na ordem natural, sempre foram as aldeias, os montes, os campos as verdadeiras fontes de energia rejuvenescedora que anima as grandes cidades, e por singular coincidência, exactamente neste nosso fim de século aqui vem buscar-se de gigantescos empreendimentos hidroeléctricos, uma energia-nervo dos grandes centros industriais e urbanos, que galgando em catadupas de força montes e vales, vai dar luz e cor, vida e animação, desdobrar-se ao longe em mil e uma actividades que o adiantado das civilizações desenvolveu e criou — também assim, na ordem moral, podem seguramente por estes sítios recuperar-se as forças da alma, as energias do espirito, num mais estreito contacto com a Natureza, que eleva, consola, distrai!

Saídas todas do mesmo seio generoso, por se comunicarem nas entranhas do mesmo corpo, são magníficas e extraordinariamente salubres as águas de todas as fontes; e em tudo isto reside o segredo da boa saúde e alegria de viver que apesar da extrema frugalidade, transparece nos seus habitantes desde o trabalho rude dos campos ao rico e tradicional folclore que se expande em festas e romarias.

O humus da terra fértil, de uma seiva vitaminada, transmite-se aos frutos.

Emergem por entre franjas de olivedos, de pinheirais mesmo a trepar pelas fraldas das serras, as odoríferas ramagens de laranjais em flor, a mais portentosa fonte de riqueza local e que podia e devia ser, sem sombras de dúvida, a melhor recomendação dos encantos e das belezas naturais da nossa terra.

Mas quê, se o excelente produto entra em todos os mercados na confusão do anonimato; se ainda não houve uma entidade patronal que legitimasse, fazendo imprimir-lhe uma marca de origem, com obrigatoriedade de armazenamento e embalagem num local-centro de exportação, a dentro dos limites do concelho?

Como há-de desenvolver-se e engrandecer-se o co-

mércio local, se não houve quem o defenda e oriente no sentido de tirar todo o partido de suas próprias e mais legítimas fontes de riqueza?

Todos os anos se exportam toneladas do precioso fruto e do que o encarece desde a origem ao destino pouco ou nada fica em benefício da terra que o produziu.

Precipitou-se em irremediável ruína a cultura e indústria do linho, depois de criar foros de legítima grandeza que apenas ficou expressa em ricos devaneios de canções poéticas, e, praticamente, nada a substituiu.

Notem-se os inconvenientes da violenta isenção do pagamento de foros de bragaís a antigos senhores e aos mosteiros.

As nefastas consequências da extinção das ordens religiosas, as quais se entendem, até aos últimos tempos, e de que geralmente se acobima a decaência destas terras; depois o feroz e teimoso individualismo que por vezes preside aos seus destinos; no restante o predomínio desse mau exemplo que deixa desenvolver pelas intermitências a cisãnia da desunião, tudo paraliza e atrofia; reina o marasmo para quem observa de longe, quando noutros sectores tudo progride e a velocidade é a característica do tempo.

Parar é retrocer!

Cada terra tem de congregar esforços, conhecer do conjunto de suas possibilidades, estudá-las e aproveitar-lhe as vantagens; tomar com lealdade medidas de ampla projecção que beneficiem o grande e ainda mais o pequeno proprietário, para que seus filhos se prendam pelo interesse a suas terras, lhes ganhem amor e não se aventurem, sem verdadeira necessidade, a ir vegetar e perder-se pelos labirintos das grandes cidades, vítimas de tão complexos problemas duma emigração constante, sujeitos ainda a mais perigos morais que materiais, como tantas vezes é dado observar a quem anda por estas terras de Cristo.

E o magnífico vinho verde, outra maravilha da região, cheio de propriedades tonificantes que por forma singular lhe comunica o solo produtor!

Nem uma adega cooperativa, nem uma marca que se imponha, onde há tantas quintas, tantos solares com amplas e frescas caves; tantos braços autênticos que mereciam justa consagração e podiam imprimir-lhe um timbre de seriedade, sem ser preciso inventá-lo.

Ricos valores desperdiçados e de que pouquíssimas

terras podem como esta orgulhar-se, mas ao mesmo tempo envergonhar-se de não saber explorar.

Riqueza mal distribuída; passam míngua os nossos caros compatriotas «brazileiros», «africanistas»... do que aqui se consome em demasia e estraga, a causar por vezes prejuizos e descatos.

Que trabalhos, que canseiras através de mil dificuldades em fazerem-se acompanhar do precioso fluido, a que dão tanto apêço e dispensam nos momentos solenes especial manifestação de patriotismo, junto de suas famílias e pelas mais longínquas paragens.

É por si pobre e tímida a iniciativa particular, que não pode muitas vezes arriscar-se.

Só os poderes públicos e patronais deveriam, com sua natural autoridade e segurança, abrir-lhe caminho, guiá-la e ampará-la, despertar-lhe confiança.

Domingos M. da Silva

RECORTES

Secção de ODECAM

O Homem e a Mulher

O homem é a mais elevada das criaturas. A mulher, o mais sublime dos ideais.

Deus fez para o homem um trono; para a mulher um altar. O trono exalta; o altar santifica.

O homem é o cérebro; a mulher o coração. O cérebro produz a luz; o coração pro-

A LEMANHA

(Continuação na 5.ª página)

do jeic mundo barulhento, últi-Valquirias. Quer dizer tarabém, cidades diferentes outra gente e outras vidas. Porque a natureza ou a urbe, para o alemão, só tem verdadeiro interesse se o contacto com elas não prejudica a sua tendência para a sociabilidade.

Valorização da gente portuguesa

(Continua na 4.ª página)

rio de tal projecção que assombra pela avultada soma de edifícios escolares que prevê necessários a um bom desempenho do ensino primário.

Sua Ex.ª o Senhor Ministro da Educação Nacional, quis dar ao acto de apresentação do novo plano de edificações escolares o relevo que merecia e de que a imprensa e a rádio fizeram eco, sendo escutadas as palavras de Sua Ex.ª, como sempre, com o máximo interesse, e por elas ficou a Nação a saber que se projecta construir em todo o País mais 15.407 salas de aula, o que é verdadeiramente espantoso pelo número, mas que, ao fazermos a comparação com as que já existiam, ou sejam 15.832, mais se nos prende a admiração a tão vultosa realização, pois se constata que as edificações escolares primárias, após a execução deste plano, quase dobram.

Simplesmente espantoso este acontecimento, que por falta de espaço não tínhamos trazido ainda às colunas do nosso Semanário.

Mais se tornou para nós notado o empreendimento, por ter declarado S. Ex.ª que logo a seguir ao Porto, com 2.038 salas de aulas previstas, figura o Distrito de Braga com 1.584.

Não é banal, nem vulgar, a grandiosidade deste plano que a Nação irá usufruir!

Prossegue-se com rumo certo no espantoso programa de valorização dos portugueses. Não se poupam esforços para tornar em realidade o sonho desse Grande Português que é Salazar: a valorização da gente portuguesa.

Inspirador deste plano, no dizer de S. Ex.ª o Senhor Ministro da Educação, como o fora do Plano dos Cente-

duz o amor. A luz fecunda o amor ressuscita.

O homem é o génio; a mulher o anjo. O génio é imensurável; o anjo é indefinível.

A aspiração do homem é a suprema glória; a aspiração da mulher é a virtude extrema. A glória produz a grandeza; a virtude produz a divindade.

O homem é forte pela razão; a mulher é invencível pelas lágrimas. A razão convence; as lágrimas comovem.

O homem é capaz de todos os heroísmos; a mulher de todos os martírios. O heroísmo enobrece; o martírio sublima.

O homem é Código; a mulher o evangelho. O código corrige; o evangelho aperfeiçoa.

O homem é um templo; a mulher um sacrário. Ante o templo descobrimo-nos; ante o sacrário ajoelhamo-nos.

O homem pensa; a mulher sonha. Pensar é ter um cérebro; sonhar é ter na fronte uma aureola.

O homem é um oceano; a mulher um lago. O oceano tem a perla que o embleza; o lago a poesia que o deslumbra.

O homem é a águia que voa; a mulher o rouxinol que canta. Voar é dominar o espaço; cantar é conquistar a alma.

O homem tem um fanal — a consciência; a mulher uma estrela — a esperança. O fanal guia; a esperança salva.

Em fim, o homem está colocado onde termina a terra; a mulher onde começa o céu.

Victor Hugo

do inteiro, procurando ganhar-se terreno em todas as frentes, quer materiais quer morais da Nação.

Mas ao evocar este transe heróico de um povo que luta, cai-nos verticalmente ante o olhar, malfadada cortina, a empanar o brilho de tão larga visão.

Quando se esboça já um novo plano de construções escolares, em Amares, o Plano dos Centenários está ainda atrasado.

Por culpa do Governo? Não!

O Município deste infeliz Concelho, como já não é de estranhar pelos antecedentes, ao ser solicitado por ofícios e mais ofícios para dar andamento ao assunto, simplesmente, não responde... e assim vai profetizando as construções que tanta falta fazem ao populoso concelho de Amares.

De entre os muitos enigmas da nossa Câmara, é outro que não se compreende e que espantall!

EME

ADEGA PORTUENSE

DE

Amândio de Jesus Vieira

Bons vinhos, petiscos, sanduiches e mariscos

R. Conde Vizela, 74

PORTO

Tribuna Desportiva

Benfica e Covilhã, um par inédito na final da Taça de Portugal

Dada a maneira como os jogos do passado domingo se nos apresentavam, era quase certo que o Benfica e Sporting da Covilhã se defrontavam na final da Taça.

O Benfica tinha tarefa fácil ao defrontar no seu campo o Barreirense, enquanto o Covilhã teria tarefa mais árdua ao defrontar no campo dos Arcos o forte tomba gigantes-Victória de Setúbal.

O Benfica ganhou naturalmente, como antevíamos, pela margem de 4 golos sem resposta, podendo ir até mais longe, enquanto o Covilhã teve de ceder frente ao Setúbal pelo escasso resultado de 1-0, mas, sem prejudicar a sua posição, pois a margem de 3 golos conseguidos em casa, dar-lhe-ia direito a participar na final que se realiza no dia 2 de Junho no Estádio Nacional.

Covilhã e Benfica vão defrontar-se na finalíssima para apurar o vencedor de mais um troféu.

O Benfica, dado a sua superioridade sobre o antagonista, sobejamente conhecida, jogará ainda no seu ambiente o que lhe dará certa tranquilidade. No entanto, terá que se acautelar, pois o Covilhã que há pouco tempo bateu o pé ao sub-campeão no seu próprio campo, irá disposto a lutar com unhas e dentes para conseguir repetir a proeza do

Estádio das Antas. Aguarde-se a final e tudo poderá acontecer.

O Sporting de Braga defronta na primeira mão o Covilhã no campo do antagonista

Efectuou-se, como estava marcado, o sorteio para os jogos de passagem entre o Braga e o Sporting da Covilhã. O Braga deslocar-se-á ao campo dos «Leões da Serra» para fazer o jogo da primeira mão. Seria melhor que o Braga jogasse primeiro no seu ambiente? Seria melhor que o Braga jogasse primeiro na Covilhã? Há várias opiniões a este respeito, mas o que é certo é que ambos os jogos são difíceis para os dois, seja qual for o primeiro visitado.

O Covilhã que nestes últimos jogos tem subido consideravelmente ao ponto de participar na final da Taça de Portugal, terá que defrontar uma equipa homogénia e que está a praticar bom futebol.

Dada a maneira como se apresentam as duas equipas, é de esperar que a passagem à divisão de honra, se decida em 3.º jogo, para o clube que mais favorecido for pelo factor sorte, pelo facto de não contar a goal averagem.

Desjamos a um e outro boa sorte, e que ganhe aquele que

A L E M A N H A

O coração da Europa... «Schönheit der Welt»

Schönheit der Welt, diz o alemão que empreende conosco um passeio por qualquer parte deste país. Claro que ele o diz com orgulho e nós o aceitamos com desconfiança. A beleza do mundo está sempre, para nós, na nossa terra. Que admira, pois, que a beleza do mundo esteja, para um alemão, aqui na Alemanha? Hoje, penso como eles. A maior parte da beleza do mundo está aqui. Ao meditar nisto, chegou a não compreender como tem sido possível a estes alemães passar os séculos a cobiçar o que os outros têm. Dá vontade de lhes gritar: «Contentem-se com o que têm e bem estão!».

Têm, realmente, muito. Situada num lugar que será naturalmente o coração da Europa, visto que estando no centro dela, fácil é admitir que a natureza para aqui tenha feito convergir o que nos outros lugares andou apenas espalhando como amostra. Como chamamos coração àquilo que tem mais importância para nós e que de certo modo define o total, temos de concordar que os Alemães têm razão em chamar à sua terra o coração da Europa.

Grande, rica, variada é esta terra que coabe aos Alemães. Nela há de tudo. Quando a percorremos, julgamos estar a reunir, como as folhas dum álbum, o que apenas em su-

gestão, todavia, já tínhamos visto noutras partes. Do azul luminoso de águas quietas ao branco impoluto de cumes nunca tocados, ao verde sombrio de florestas lendárias, há de tudo nesta terra. Verificando-o, não posso deixar de repetir comigo próprio: *Schönheit der Welt*.

O turismo está organizado em grande escala para o estrangeiro, mas, paralelamente, há organizações, como a GESOREI, a «Comunidade Alemã de Férias» e a «Sociedade Amigos da Natureza», e muitas mais que poderia citar, as quais cuidam apenas de promover passeios e férias, de modo que os Alemães conheçam a sua própria terra.

Por tuta e meia, pega aqui na sua maleta quem quer e sai da cidade para um fim-de-semana. Partiu no sábado depois de almoço e volta na segunda-feira. Onde esteve então o viajante? Supô-lo é muito difícil. Por muitas razões. Porque o escritório da GESOREI lhe ofereceu mil itinerários elaborados de maneira a tirar todas as vantagens do tempo de que dispõe. Porque, se não tem automóvel, os comboios, como os «rápidos de férias» e os comboios de dois andares estão à sua disposição com terceiras classes esplêndidas e levam-no rapidamente a todos os pontos do país. Porque, onde quer que se

melhor merecer — se possível, o Sporting Braga.

dirija, encontra alojamento acessível. Porque... por muitas coisas, entre elas o facto de estar tudo organizado para que as pessoas tenham gosto em ver o que dá gosto ver-se.

A terra romântica e encantadora

Nos primeiros tempos que aqui passei, verificando que, chegado sábado, a cidade fica totalmente deserta, procurei informar-me do que faziam estes alemães com quem convivo ao longo da semana. Ao interrogá-los fiquei com a impressão de estar a recolher as respostas a um inquérito. Entre as doze pessoas dum mesmo grupo, ou as vinte ou trinta, cada uma tinha encontrado um programa diferente para o seu fim-de-semana. De comum nesse programa só isto: todos tinham saído da cidade. Os moços ágeis e tostados diziam-me a confirmar a cor do sua pele:

— Fomos para a montanha.

Os bons alemães já gordos e entoados confidenciam-me, com um olhinho azul onde, a contradizer a pacífica rotundidade, há uma pontinha de romantismo:

— Fomos por aí.

Este «por aí» quer dizer muita coisa. Quer dizer lagos de águas docemente azuis de margens salpicadas de charlés idílicos. Quer dizer montanhas envoltas em bruma, com os picos cobertos das primeiras neves a erguerem-se direitos ao Sol rutilante. Quer dizer florestas em que correm ainda, escondendo-se

(Continua na 4.ª página)

Folhetim da "Tribuna Livre", 22

SEMPRE NOIVOS

(Recordação do Minho — Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

— Como?
 — Porque já és a minha noiva, muito querida.
 — Ah! o que tu tinhas medo é que eu dissesse que não ao pedires-me namoro e que os outros soubessem do teu insucesso e se rissem de ti!
 — Confesso-te que não era lá uma situação muito airosa para mim. Eu sempre detestei ser palhaço para os outros!
 — Mas eu não te expunha a isso...
 — Naquela ocasião, sabia lá!
 — Mas sabia-o eu!
 — Mas eu não tinha o condão de advinhar...
 — Mas devias ter.
 — Para quê?
 — Para saberes que eu, também, gostava de ti!
 — Ah! se eu tivesse adivinhado isso já há muito tempo que nos namorávamos.
 — Mas, ainda, vamos muito a tempo, visto que somos novos. E temos, além disso, mais experiência da vida...
 — Mas não teria passado tanto tempo a lutar comigo próprio! Foi uma luta titânica, sem cartel.
 — A lutes contigo próprio?! Isso havia de ser muito divertido!
 — E foste, sempre, o vencedor!
 — Sim, a lutar comigo próprio.
 — Mas porquê?
 — Tinha vontade e receio, ao mesmo tempo, de te pedir namoro!
 — Quem nunca se aventurou, nem perdeu nem ganhou...
 — Felizmente a vontade venceu o receio e eu aventurei-me... e

ganhei!
 — As indecisões são sempre a manifesta falta de força de vontade e de querer!
 — Tens razão.
 Mas hoje sinto-me feliz por ligar o teu ao meu destino, visto que és uma mulher que sabe encarar os problemas da vida com optimismo e decisão.
 — O triunfo, em qualquer sector da vida, depende, sempre, do estudo e da acção.
 Mas para isso é necessário que o homem, ou a mulher, se revista da precisa força de vontade para enfrentar e vencer todos os obstáculos que se lhe deparem na sua frente.
 — Dizes uma grande verdade.
 Até parece incrível que uma rapariga do campo, que nunca saiu dos limites da sua província, tenha concepções tão mágicas, tão rasgadas, tão acertadas!
 — Pelo facto de ser uma rapariga do campo não quer dizer que não tenha lido muito e que não procurasse instruir-me; além disso já ultrapassei os limites desta encantadora província, pois já fui ao Porto!
 Ou que é que julgas!
 Ai o menino que apanha um puxão de orelhas!
 — Desculpe a minha encantadora noiva, mas não sabia que era tão viajada!...
 Não tiveste medo de ir de combóio?
 — Ai agora ainda estás a caçar comigo, por cima?
 Tu hoje estás a desafiar-me para as tuas orelhas!
 Não tive medo, não!
 E não admira! Eu não tenho medo de andar de carro de bois... e é muito mais perigoso!
 — Deixa-me as orelhas em paz, pequena, pois já não estão habituadas a que lhe façam dessas carícias.
 Mas diz-me:
 Porque é que o carro de bois é mais perigoso?...
 — Se os bois se espatam nem a alma se nos aproveita!
 — Sim, de facto, isso quando se dá é muito perigoso...
 Pode-se apanhar uma arranhadura!
 — Tu és a minha perdição.

(Continua)

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

Local donde é tirado o Orgão Grande e deixarem tudo com aceio e limpeza mandando também afinar o orgão pequeno desta freguesia e a fazerem com que o Governo faça com o Prelado da Diocese a fazer entregar à Parochia os objectos que constão da dita 2.ª representação, e cuja cópia vai adiante copiada.

Nota 2.ª—No dia dez do mez de Outubro de 1853, chegarão a esta freguesia o P.e Capellão do Snr. do Monte acompanhado do organeiro, 2 carpinteiros e hum pedreiro para deslocar o Orgão Grande do seu sitio. Principiarão com este trabalho nos dias 11, 12 e 13 e já no dia 11 foram conduzidas para o Snr. do Monte duas cargas de gaitas.

Nota 3.ª—Assim o Governo Civil, como os mesarios solicitarão por particulares para que detivessem os moradores da freg.a a não fazerem revolução, ou desordens, mandando os mesarios hua obrigação escripta e por eles firmada e assignada, pela qual se obrigavão a cumprir pelo cofre do Senhor do Monte, não só a remessa do Orgão de aquelle Sanctuário para a Igreja desta freg.a, logo que o Orgão Grande desta freg.a ali fosse constituido e tocasse, mas até a fazerem todas as obras precisas no local donde é tirado o Orgão Grande e cuja obrigação existe em poder do Reitor desta freg.ª José Fernandes de Almeida.

Nota 4.ª—Por que a 1.ª Representação dos povos de Bouro não fosse atendida nem desprezada, por que combinações proveitosas à freguesia fizerão retirar, fizerão por isso de combinação com o Governo Civil e mesario do Snr. do Monte hua 2.ª Representação cuja cópia vai em seguida à obrigação feita pelos mesarios, e é a seguinte:—O Presidente e mais mesarios do Senhor do Bom Jesus do Monte, seburgios da cidade de Braga, abaixo assignados, por este nos obrigamos e cedemos como Administradores do dito Real Sanctuário o Orgão que existe na dita Igreja para ser transferido à nossa custa para a Igreja Parochial de Santa Maria de Bouro, logo que o Orgão Grande de aquella Igreja seja transferido para a do Real Sanctuário do Senhor do Bom Jesus do Monte, cuja transferencia do dito Orgão Grande se ache colocado e pronto a exercer as funções, visto que repetidas vezes se fazem ali os officios Divinos, e sem o dito orgão se não podem fazer cuja demora será de trez mezes, que tanto levará a colocação do dito Orgão Grande.

Egualmente nos obrigamos a mandar compor a estuque a parede donde sai o dito orgão grande com o reparo igualmente do coreto ao cumprimento de tudo acima declarado obrigamos todos os bens e rendas do dito Santuário que administramos. Braga, o primeiro de Outubro em mesa de 1853 e tres. E eu o P.e Joê Joaquim Vieira Velloso, Secretário actual que este escrevi o—O Presidente Joaquim da Motta Cardoso—O Secretário P.e José Joaquim Vieira Velloso—Jeronimo José Pereira Pinheiro—Manoel José de Sousa Rebello—Manoel José Rois—António José Fernandes—José Joaquim da Costa Braga—Reconheço as assinaturas retro de que dou fé.—Braga, um de Outubro de 1853, e tres—Em testemunho de verdade—lugar do signal público—O Tabellião João Baptista Pereira da Silva.

—Cópia da 2.ª Representação da Parochia e povos de Bouro, ao Governo Civil—Il.mo e Ex.mo Snr.—A Junta de Parochia e mais habitantes da freguesia de Sancta Maria de Bouro do concelho de Sancta Marta de Bouro deste Distrito Administrativo de Braga, abaixo assignados, veem-se coagidos a representar perante V. Ex.a a expoliação que lhes foi feita em Julho de 1834 pelas autoridades Civil e Eclesiástica, Marreca Corregedor de Vianna, e Lamaçães vigario geral desta Diocese, mandadas ao Convento da sua freguesia inventariar os objectos pertencentes aos extintos Frades d'aquella Casa, e com os quaes foram incluídos com manifesta injustiça, os paramentos e objectos de culto, que os supp.tes por si e seus passadas possuíam para todas as funções do Culto Divino, celebradas na sua Igreja, e aos quaes aquellas duas auctoridades, senão com dólo ao menos bem pouco reflectidos, fizerão inventariar e conduzir para um deposito desta cidade com o titulo de serem Nacionais.

(Continuação no próxima número)

Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 2526 BRAGA

Tribuna de VILA VERDE

Deliberações da Câmara Municipal em sua Sessão ordinária de 16-5-1957

Ofício

Da Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Delegação das obras de construção de Escolas Primárias, pedindo que seja aberto inquérito administrativo respeitante à empreitada de construção de edificios escolares no concelho de Vila Verde, adjudicada a José de Oliveira, residente em Prado, na importância de 618.000\$00, nas localidades de Aboim, Oriz, Santa Maria, Duas Igrejas, Núcleo de Codeçal, Gomide e Valões. Satisfeito.

—Da Direcção Geral de Transportes Terrestres, pedindo informação se a estrada municipal entre Vilarinho e a E.N. 308, por Aveleda, Pico de Regalados, Mouriz, e Coucieiro por Feira Nova satisfaz às condições de segurança para a montagem de uma carreira ds passageiros pedida pela firma Domingos de Sousa Peixoto & C.ª L.da.

Assistência hospitalar

—Foi concedida assistência a Manuel Dias de Sousa, de Prado Santa Maria, para tirar uma radiografia. Deferido.

Jantar de homenagem ao Senhor Doutor António dos Santos Ferreira muito Digno Presidente da Câmara de Vila Verde

Reina grande entusiasmo entre as forças vivas do Concelho pela homenagem que será prestada ao Senhor Presi-

Para evitar más interpretações

Tem este jornal feito todos os esforços para se tornar o mais possível noticioso, mórmente de casos passados no nosso concelho.

Vê, no entanto, com tristeza, que em certo sector se persiste em não comunicar certas realizações mesmo quando elas precisam de publicidade.

Em face disso, resolvemos não dar publicidade ao s actos que nos não sejam comunicados e muito mais se a sua realização fôr da entidade que acintosamente assim procede.

A não ser que mudem de sistema ninguém tem que estranhar o nosso silêncio.

dente da Câmara Municipal no dia 26 do corrente, pela sua recondução naquele lugar, que tão proficuamente, e a contento de todos, tem exercido.

Homem de uma só fé de, antes quebrar do que torcer, o Doutor António dos Santos Ferreira, têm sabido grangear a simpatia de todos, pois todos o estimam pelo seu carácter retilino na administração pública e ainda pela sua profissão de médico, sempre pronto a atender os pobres, com os quais dispense somas importantes.

O povo do concelho vibra de entusiasmo com esta manifestação porque quer patentear ao seu Presidente do Município quanto o estima.

—«Tribuna de Vila Verde», estará presente nesta homenagem para patentear, também, ao Chefe do concelho, as suas homenagens muito sinceras.

É o seguinte o programa de homenagem:

Pelas 15 horas dará entrada a Banda Marcial de Vila Verde.

Pelas 16 horas haverá Sessão solene e cumprimentos nos Paços do Concelho.

Pelas 19,30 horas—Jantar em honra do Ex.mo Senhor Presidente da Câmara Municipal, e haverá um concerto pela Banda Marcial.

A Comissão Executiva é composta pelos Ex.mos Senhores.

Doutor António Francisco Gonçalves, Doutor Bernardo de Brito Ferreira, Doutor António Ribeiro Guimarães, Capitão Abel Soares Nogueira, P.e Abel dos Santos Morais, António Anselmo Soares, Mário Bacelar Alves e Manuel A. Pereira da Cunha.

Aniversário natalício

No passado dia 13, passou o seu aniversário natalício a Ex.ma Snra. D. Ruth Rebelo de Brito Bacelar Alves, esposa extremosa do nosso prezado amigo e assinante Mário Bacelar Alves.

D.

SÁ DE MIRADA

«Canção a Nossa Senhora»

(Continuação)

IV

«Virgem, do mar Estrella, e neste lago,
E nesta noite, hum Farol que nos guia
Para o Porto, ante claro e certo Norte,
Quem sem Vós atinar, quem poderia
Abrir somente os olhos, vendo o estrago
Que atrás olhando, deixa feito a Morte?
Quem me daria proa com que corte
Por tam brava tormenta?
De toda a parte venta,
De toda espanta o tempo feio e forte,
Mas tudo que será com a vossa ajuda?
Nevoa da lagoa,
Que ao vento voa e num momento a muda».

V

«Virgem perfeita, e do Sacratio Sancto
Porta, que Ezequiel cerrada via,
À parte que responde ao Oriente:
Alto Silvado, que todo elle ardia
Sem ofendido ser tanto, nem quanto,
E foi tal testemunho alli presente.
Vello de Gedeon, divinamente,
Dado em alto final
Do Orvalho celestial,
Que tudo o mais enxuto, elle só sente:
Senhora, que podeis, em tal afronta
Restituir-me a mi
Antes da fim; que o Sol vai-se e trasmonta.

VI

«Virgem e Madre, juntamente, quem
Tal nunca ouviu, nem dantes nem depois?
Somente em Vós então: quem no entendeu?
Vós Madre, e Filha, Vós Esposa sois
D' Aquelle que apertado ao peito tem
Vossos braços, o que nam pode o Céu
Na Vossa alta humildade se venceo
O soberbo tirano,
Que com inveja e engano,
Nos fez tam perigosa e longa guerra:
Por molher se causou tal danno nosso.
Quem nos restituiu
De Vós saiu, Senhor, o preço é Vosso.

Poesias de Sá de Miranda